

**APRESENTAÇÃO ÁGUA VIVA 2020.3**

DOI: 10.26512/aguaviva.v5i3.35808

2020 chega ao fim com a sensação de que não terminou. De que não terminará. De que estamos presos em um limbo que pode se parecer muito com uma antessala do inferno. As esperanças trazidas pelas vacinas e pela possibilidade do fim do isolamento social sofreram reveses e estamos em suspenso. Chile, Costa Rica e México iniciam suas campanhas de vacinação, a Argentina iniciará em breve, e também o Uruguai e nós sequer temos um plano de vacinação com que possamos contar. O que nos aguarda é a continuação do mesmo, com a exaustão somada aos outros males que nos afligem.

E em meio ao caos que nos cerca, produzimos. Iniciamos projetos de pesquisa que redundam na escritura de artigos, e então nos empenhamos em publica-los. Continuamos na nossa trincheira, pois ela ajuda a manter nossa sanidade. Continuamos pois isso é o que fazemos, e continuaremos fazendo. Isso nos define, nos dá contornos. Nesses tempos sombrios em que as possíveis falhas de uma vacina salvadora de vida são comemoradas pela autoridade máxima do país, precisamos manter a coerência e a serenidade. Então escrevemos.

Assim é que essa edição da Água Viva inicia com o artigo **JORNAL DO CONHECIMENTO: GÊNEROS JORNALÍSTICOS E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA**, de Ana Maria de Sousa, Elaine Maria Luz Barbosa e Juscelino Francisco do Nascimento, que relata uma experiência de PIBID na qual o aprendizado, pelos alunos da escola Centro Estadual de Tempo Integral (CETI) Marcos Parente, dos gêneros textuais jornalísticos, redundou na criação de um jornal da escola, inteiramente elaborado por eles. O artigo traz uma cuidadosa revisão teórica sobre os conceitos de gêneros do discurso, e então o relato, com as ilustrações correspondentes, da elaboração do Jornal do Conhecimento pelos alunos de educação básica. Uma experiência profícua que merece ser emulada.

Gabriel Nogueira Linhares Marquim apresenta, dentro do espírito do tempo, o artigo intitulado **O PAPA EM TEMPOS PANDÊMICOS: ANÁLISE DO DISCURSO DE FRANCISCO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**, em que analisa os discursos do Papa Francisco desde o início da pandemia. Utilizando a Análise do Discurso da linha francesa, o autor demonstra qual é a formação ideológica do Papa – católica – através de sua formação



discursiva. E como nenhuma formação discursiva deixa de ser atravessada por outras, ele nos expõe como uma posição política bastante determinada transparece nos discursos do pontífice: aquela solidária com os pobres, que cobra das autoridades do mundo atitudes que aliviem o sofrimento do semelhante.

NOTAS CRÍTICO-SOCIOLÓGICAS SOBRE A LITERATURA COMO HORIZONTE DE HUMANIZAÇÃO, de Wilder Kleber Fernandes de Santana e Weslei Chaleghi de Melo, discute o potencial humanizador da literatura, a partir de conceitos encontrados na obra de Antonio Candido, e corroborados em outros autores, como Compagnon, Cosson e outros. Dividido em duas seções, o artigo expõe os pressupostos teóricos nos quais se baseia na primeira, e apresenta a interpretação de texto literários e sugestões de aplicação em sala de aula na segunda. O potencial humanizador da literatura só se realiza se o leitor adquire autonomia na interpretação do texto.

Flavia de Castro Souza, em DO LIXO AO LIVRO: QUARTO DE DESPEJO E DIÁRIO DE BITITA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS, nos traz uma reflexão sobre o apagamento de autoras negras na suposta democracia racial brasileira. Através da história da publicação dos dois livros de Carolina Maria de Jesus e da análise das obras em si, são evidenciadas as adaptações pelas quais os textos passaram para ficarem palatáveis ao mercado livreiro. O texto se apoia tanto na fortuna crítica da autora quanto em obras de história e teoria literária, para chegar à conclusão de que o cânone da literatura brasileira continua rejeitando o corpo estranho que é essa mulher negra, favelada, que escreve.

O LUGAR DO CORPO FEMININO EM NARRATIVAS E CANÇÕES CONTEMPORÂNEAS BRASILEIRAS, de Amanda Maria Garcia Holgado de Oliveira, discute as representações não hegemônicas de corpos femininos fora do padrão estético imposto pelo mundo patriarcal. Nita, a protagonista de *Coisas que os homens não entendem*, de Elvira Vigna, é bissexual e independente, e acaba por construir seu próprio caminho; Isaltina, em *Isaltina Campo Belo*, de Conceição Evaristo, descobre-se lésbica após uma vida de desencontros e se refaz a partir do autoconhecimento. O corpus abrange ainda canções de autoras contemporâneas, como Karina Buhr, cuja *Eu sou o monstro* é analisada aqui, ao lado de *Selvática*, a canção título do álbum. Ambas discutem a questão da estética imposta aos corpos femininos e o apresentam como potente e portanto, para o patriarcado, como monstruoso. Karol Conka também tem duas canções analisadas, *Você não vai*, e *Gandaia*, ambas do álbum *Batuk Freak*, que trazem o lugar de fala de uma mulher negra e periférica. Ao



longo do texto é colocada a importância da autoria feminina, como um ato de resistência às pressões sócias sobre os corpos femininos, e em especial os não consoantes com as imposições estéticas.

Graciane Cristina M. Celestino, Júlio Edstrom S. Santos e Cíntia Schwantes, em *IMIGRANTES E MASCATES DE B. KUCINSKI*: uma reflexão sobre a gravidade dos problemas de migração e refúgio na atualidade, discutem os aspectos atinentes à questão dos refugiados e imigrantes tanto de um ponto de vista jurídico quanto literário, a partir da primeira obra voltada para o público infanto-juvenil do autor. Para a leitura do texto literário, foi utilizada a concepção de leitura literária, embasada em Dalvi, Rezende, Jouver-Faleiros, Jouve e Petit. O texto literário aqui aparece como janela que permite ao leitor em formação contemplar os problemas do seu tempo.

*AS MARCAS DO TEMPO EM LAVOURA ARCAICA*, de Joanise Levy e Ana Christina de Pina Brandão, discute o tempo na narrativa literária e na narrativa fílmica dela derivada. Em um primeiro momento é discutido o tempo domesticado, derivado da ordem imposta pelo patriarca, que impõe a todos uma disciplina que os mantenha dentro da lei e da ordem. Aqui o conceito de disciplina deriva de Foucault, que a entende como uma forma de controle do corpo para impor-lhe produtividade. Tanto o filme como o livro são colocados como anacrônicos, dissonantes do que se fazia em termos de literatura ou de cinema no país na época de criação de cada um – e exatamente por isso, de acordo com Agambem, verdadeiramente contemporâneo. Ambos também utilizam estratégias para representar o tempo. As estratégias fílmicas irão compor o segundo tempo analisado aqui, e por fim será discutido o embate entre André – um herói trágico fadado ao fracasso – e o pai.

Na seção do Espaço Literário, Cristóvão José dos Santos Júnior nos apresenta um clássico soneto com vocabulário castiço, em homenagem ao lente José Amarante Santos Sobrinho, professor do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, que muito contemporaneamente, “Aos ataques fascistas de plateias/Necrosadas por jingles delirantes/Traz Fulgêncios e Ausônios, e ainda Dantes,/E *Ilíadas*, e *Eneidas*, e *Odisseias*!” Parabéns, mestre! Maurício Fontana Filho, por sua vez, traz *DECLÍNIO*, um poema que joga com elementos visuais, como a disposição dos versos na página, e o uso de letras maiúsculas, para falar do dilacerante fim do amor.

Profa. Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes

